

APONTAMENTOS SOBRE A ATRAÇÃO DE DEUS E A RAIZ DA NATUREZA MISSIONÁRIA¹

Paulo Suess*

Resumo:

Para Suess, a Missão é antes de tudo uma questão do amor divino; algo referido à própria *essência* de Deus. Com isto em mente, ele busca recuperar um pouco da história da construção do documento *Ad Gentes* e sua tensão com alguns aspectos de *Lumen Gentium* e chegando à conclusão de que a tarefa da Missão é de todo o Povo de Deus e acontece num constante peregrinar. Entretanto, para dinamizar esta tarefa ela deve ser referida a Deus-Amor que sai de si mesmo, desce, abraça e atrai. É sobre a ideia de *atração de Deus*, e não tanto por técnicas de persuasão e marketing, que Suess busca aclarar a um tempo a atividade missionária e seus desafios atuais (não caçar borboletas, mas cultivar um jardim, a vida) relacionando-a profundamente com a Eucaristia como um vínculo cristão central.

Palavras chaves: Missão: natureza da missão; Atividade Missionária; Atração de Deus;

Abstract:

For Suess, mission is first and foremost a matter of divine love; something from the very essence of God. With this in mind, he seeks to recover some of the main traits of the ecclesiastical document history: *Ad Gentes* and the theological tension with some aspects of *Lumen Gentium* principles. So he comes to the conclusion that the mission task is a task of the whole people of God and it takes place as constant pilgrimage (on way). However, in order to motivate this task one must referred it to the God-Love that comes out of himself, descends, embraces and attracts. It's the idea of *God attraction*, and not so much by persuasion and marketing techniques, the main focus here having in mind mission's activity and its current challenges (don't catch butterflies, but cultivate a garden, the life). All this, for Suess, are deeply related with the Eucharist as a kind of Christian central bound of union.

Key Words: Mission: nature of mission; Missio's Activities; God's attraction.

*Felizmente há Ratzinger no grupo. Ele é razoável, modesto, desinteressado, de boa ajuda,*² assim comenta o dominicano Yves Congar em seu diário, no dia 31 de março de 1965, a presença de Joseph Ratzinger na Comissão Conciliar que preparou mais um esquema para o futuro Decreto *Ad gentes*, que só foi promulgado na última sessão do Concílio, dia 7 de dezembro de 1965.³ Na época era difícil mexer em tradições da cristandade, em mentalidades pré-modernas e posturas fundamentalistas que consideravam a salvação como monopólio da Igreja Católica.⁴ Os bispos, vindo da periferia do mundo e de faculdades europeias rejeitaram a maioria dos esquemas

elaborados pelos setores da Cúria Romana e obrigaram os teólogos e peritos do Vaticano II repensar a Missão, *não como uma batalha para capturar os outros e incorporá-los no próprio grupo*, como se fosse o cristianismo e não o Cristo que veio para salvar o mundo.⁵

Aos elogios sobre a presença de Ratzinger, no diário de Congar, precedem desabaços sobre a mediocridade de outros membros da Comissão. Ao perscrutar o debate dos peritos em torno da construção do caminho tortuoso do Decreto *Ad gentes*, o leitor percebe o peso da herança contraditória, milenária, martirial, imperial e colonial que dificultou a construção de um consenso rápido na questão missionária. De certo modo, a tensão entre natureza (ou essência) missionária e atividades missionárias, permanece até hoje.

A seguir procuro situar o lugar da *natureza missionária* e com ela, o lugar da missão como tal na *atividade* do próprio Deus que deverá ser a matriz para uma Igreja povo de Deus, uma Igreja peregrina, pobre e missionária.

1. DEUS – AMOR E MISSÃO

Congar propõe que o *Decreto Ad gentes sobre a atividade missionária da Igreja* deve ser interpretado, em primeiro lugar, como um tratado sobre Deus que é amor, *amor fontal*, e somente em segundo lugar, como texto sobre a funcionalidade e finalidade da missão na Igreja.⁶ A Igreja peregrina nasce na missão do Filho e do Espírito Santo. A sua origem nessa missão nos permite falar da *natureza missionária* da Igreja. A origem, como contextualização histórica, explica a natureza das coisas.

A Igreja está a serviço do Reino. Ela anuncia o Reino de Deus submetendo *tudo ao serviço da instauração do Reino da vida*.⁷ A Igreja é a missionária coletiva do Reino. O Reino vai além do tempo e do espaço da Igreja. A missão vai sempre além das fronteiras e das forças da Igreja. Ela se desgasta nessa missão que vai também além de sua catolicidade (universalidade) real. Esta permanece, até a restauração de todas as coisas em Cristo, horizonte e, portanto, tarefa missionária. A catolicidade como universalidade não é só geográfica. Ela é também cultural, porque se incultura na profundidade dos modos de viver dos povos, no seu jeito e sentir diferente. Na glória celeste, a Igreja peregrina será essencialmente transformada porque não haverá mais missão nem sacramentos nem estruturas hierárquicas. Não haverá mais Igreja peregrina. Os discípulos missionários e a Igreja peregrina convidando e convidados para a conversão ao Reino de Deus, na Cidade futura se integram aos que vieram do oriente e do ocidente, do norte e do sul, de todas as tribos, raças e nações. e confraternizam com eles. Essa catolicidade (universalidade) salvífica era o projeto de Jesus, agora em processo de realização:

Em seu Reino de vida, Jesus inclui a todos: come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2,16), sem se importar que o tratem como comilão e bêbado (cf. Mt 11,19); toca com as mãos os leprosos

(cf. Lc 5,13), deixa que uma prostituta lhe unja os pés (Lc 7,36-50) e, de noite, recebe Nicodemos para convidá-lo a nascer de novo (cf. Jo 3,1-15). Igualmente, convida seus discípulos à reconciliação (cf. Mt 5,24), ao amor pelos inimigos (cf. Mt 5,44) e a optarem pelos mais pobres (cf. Lc 14,15-24).⁸

Desde a criação do mundo, o espaço e o tempo da missão como missão do Reino se realizam num horizonte universal, que nasce de Deus, *Princípio sem Princípio*, criador por amor.⁹ O mundo criado por Deus envolve história e pecado, dispersão maléfica e recapitulação salvífica, morte e ressurreição. Se a missão antes da criação do mundo pode ser imaginada como *radiação* divina, a missão depois recebe a conotação de *atração* de Deus, cuja criatura está em fuga permanente de seu criador. Essa fuga podemos chamar *pecado* e tem múltiplas razões: autonomia e alienação, egoísmo e angústia

Fuga e atração por caminhos diversos nos permitem compreender o significado das religiões como caminhos de atração segundo as condições subjetivas e históricas e, portanto, como caminhos ordinários de salvação, desde o Princípio. Essa atração de Deus nos permite o reconhecimento da religião do outro não como um ato de tolerância ou só de reconhecimento de fato. Mas como reconhecimento de jure, não somente na esfera civil, mas também na esfera das teologias do próprio cristianismo.

A Missão pertence à Teologia que considera Deus em si e como ponto de partida de tudo. Só em seguida ela faz parte da Economia de Salvação, que inicia no caminho que Deus percorre com a humanidade segundo um plano salvífico. Esse plano nos foi revelado por Jesus Cristo e já faz parte de uma escolha e interpretação particular. As interpretações do cristianismo, que não levam em conta a precedência de Deus, correm sempre o perigo de querer interpretar a totalidade cósmica do universo para os demais.

Mas, também as nossas palavras sobre Deus Uno e Trino são apenas aproximações, e as nossas definições são afirmações analógicas sobre um mistério inesgotável.¹⁰ O próprio filho de Deus, quando fala do Reino, não fala em conceitos, mas em parábolas. A palavra dos poetas, às vezes, chega mais perto do mistério divino do que o discurso conceitual dos teólogos. A comunidade cristã aprendeu que os escritos bíblicos não correspondem a equações matemáticas. Falar de Deus significa sempre falar em analogias e linguagens reducionistas. Parafraseando o poeta podemos dizer: *Navegar é preciso* (exato), *interpretar não é preciso*.... Para as comunidades da fé, a história da salvação é uma caminhada cheia de surpresas. Não há linearidade ou previsibilidade evolutiva.

Segunda a nossa leitura do plano salvífico, Deus intervém na história com alianças (Abraão, Moisés) que libertam e através do envio de profetas que preparam a vinda de seu Filho no Espírito Santo. Resumindo podemos dizer: A origem da dinâmica missionária pela qual a Igreja povo de Deus se espalha pelo mundo não pode ser reduzida ao envio da segunda e terceira pessoa da Santíssima Trindade. Essa

origem está ancorada na vida intrínseca do próprio Deus vivo.¹¹ A origem da missão, sua natureza e essencialidade, está no *desígnio de Deus Pai*, que é *Princípio sem Princípio*.¹² No Princípio é amor. A radiação deste amor é a primeira missão. No decorrer da história de salvação, a missão se torna atração da humanidade em fuga.

2. DISCERNIMENTOS: ATIVIDADE E NATUREZA MISSIONÁRIAS

Para o primeiro encontro da Comissão do Vaticano II, que teve a tarefa de preparar o posterior Decreto *Ad gentes* para a última sessão do Concílio, Ratzinger enviou *Considerações sobre o fundamento teológico das Missões* (em latim). Congar menciona essas considerações em seu diário do 11 de janeiro de 1965 como um texto que deve ser estudado.¹³ Congar e Ratzinger resistiram contra a missão como tarefa parcial e funcional, contra a missão reservada a determinados territórios e contra o número dos ainda não batizados como razão da missão e um mundo, integralmente católico, que seria o fim dela.

Ad gentes afirma que *a atividade missionária entre as nações se distingue da ação pastoral exercida entre os fiéis e das iniciativas empreendidas para restaurar a unidade dos cristãos*, e acrescenta, que tanto a ação pastoral como a ação ecumênica *estão intimamente ligadas ao esforço missionário da Igreja*.¹⁴ O que significa estar *intimamente ligado ao esforço missionário da Igreja*? Simplificando a questão podemos perguntar: *Pastoral paroquial e diálogos ecumênicos fazem parte da 'natureza missionária'?*

O Decreto *Ad gentes* deixa certa imprecisão entre *atividades missionárias* e *natureza missionária*. *Ad gentes* 6,6 coleta essas imprecisões num parágrafo só, distinguindo entre *atividade missionária*, *ação pastoral* e *ecumenismo* descrito como atividade restaurativa da unidade dos cristãos:

*Assim é evidente que a atividade missionária decorre da própria natureza da Igreja. Ela propaga sua fé salvífica. Expande e aperfeiçoa sua unidade católica. [...] Desta forma a atividade missionária entre as nações se distingue da ação pastoral exercida entre os fiéis e das iniciativas empreendidas para restaurar a unidade dos cristãos. Ambas, porém, (pastoral e ecumenismo) estão intimamente ligadas ao esforço missionário da Igreja.*¹⁵

A diferenciação entre *atividade missionária*, *ação pastoral entre os fiéis* e *iniciativas para restaurar a unidade dos cristãos* (ecumenismo), não sendo atividade missionária, porém, intimamente ligadas à ela, parece diluir ou dividir a natureza missionária entre uma missionariedade fortemente presente na *atividade missionária* e uma missionariedade *light*, presente na ação pastoral paroquial e ecumênica. Essa distinção entre uma missionariedade genérica, missões específicas e atividades eclesiais não propriamente missionárias contradiz a *natureza missionária* de todo o povo de Deus descrita na *Lumen*

gentium, em seu capítulo segundo, onde a missionariedade não é considerada uma especialização num elenco de outras tarefas ou num território delimitado. As discussões em torno de um conceito territorial e antropológico, jurídico e teológico acompanham a confecção de *Ad gentes* até a sessão final da Comissão.

Muitos padres conciliares advertiram para o fato de que a missão da Igreja é tarefa de todo o povo de Deus e não só da hierarquia como sucessores dos apóstolos. Também neste ponto os padres conciliares lutaram contra uma longa tradição. Ainda no *Codex Iuris Canonici*, de 1917, sobre a Missão nos territórios missionários, está prescrito: *O cuidado pelas missões é reservado exclusivamente à Sede Apostólica*.¹⁶ O sujeito da Igreja, segundo a *Lumen gentium*, é o povo de Deus¹⁷ e o sujeito da missão é o conjunto da Igreja, portanto, o povo de Deus. A hierarquia tem apenas um papel coordenador e organizador nessa missão.

Em tensão com a *Lumen Gentium*, o Decreto *Ad gentes* dá um peso particular a atuação hierárquica e ministerial na atividade missionária e afirma que a atividade missionária *manifesta o sentimento colegial da Hierarquia*. Vejamos, por exemplo, esta anotação em *Ad gentes*, onde se sente o peso de antigas posições na Cúria Romana:

*É claro que nesta noção da atividade missionária se incluem também aquelas regiões da América Latina nas quais falta a hierarquia própria ou a maturidade da vida cristã ou a suficiente pregação do Evangelho. Mas não depende do Concílio, se de fato são reconhecidos pela Santa Sé como missionárias. Por isso quanto à relação entre o conceito de atividade missionária e certos territórios, se diz que esta atividade em geral (plerumque) se exerce em certos territórios reconhecidos pela Santa Sé.*¹⁸

Como compreender a *atividade missionária* de Santa Teresinha, padroeira da missão, que nunca pisou num país de missão? Para ser mais do que coleta de dinheiro, orações piedosas e obras sociais, a missão deve sempre lembrar a sua origem no Deus-Amor, lembrar a radiação deste amor, o abraço e o convite de Deus, sem segundas intenções quantitativas ou territoriais. A missão vive e celebra antes de tudo o abraço da presença de Deus no mundo.

Hoje, sobretudo depois de *Aparecida*, o agir eclesial é concentrado na missão. Exige-se, no *Documento de Aparecida*, certa *virtuosidade* (Max Weber) missionária. Todos os batizados são apóstolos, quer dizer, enviados em missão. Teologia da missão é teologia fundamental. Mas também em *Aparecida*, a intenção missionária atribuída ao povo de Deus e eixo de todas as atividades eclesiais, se alimenta, subjacentemente, mais de perdas estatísticas e de pressões por causa do *sucesso missionário* de outras denominações cristãs, do que de uma revisão propriamente teológica.

3. ATRAÇÃO

A dimensão teológica da Missão está ancorada no próprio Deus-Amor: *Em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu. É meu Pai quem vos dá o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo* (Jo 6,33). Para que todos se possam tornar discípulos e discípulas de Deus, o Deus-Amor sai de si mesmo, desce, abraça e atrai.

E aquele que é o *Enviado do Pai* (cf. Jo 17,3.18), anuncia essa finalidade e mediação da descida e do abraço de Deus: *Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o atrair* (Jo 6,44). O contexto da multiplicação dos pães, em que se encontra esse verso, nos coloca no contexto eucarístico e pascal (Jo 6,1-13). O paradigma da *atração de Deus* é o paradigma da libertação e da missão: visa saída da escravidão; é convite, passagem pelo deserto, portanto, despojamento, e é passagem para a Terra Prometida.

Nos três movimentos, no da descida, da atração e do abraço se realiza o dom de Deus. *Deus revela a sua face precisamente na figura do Servo sofredor* (Is 53).¹⁹ Ao abraçar o leproso, São Francisco se converteu. Na entrada messiânica de Jesus em Jerusalém, a unidade entre o Nazareno e o Deus-Amor é tão grande, que Jesus pode exclamar: *Quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim* (Jo 12,32). E com o papa Francisco podemos perguntar:

*Haverá algo de mais alto que o amor revelado em Jerusalém? Nada é mais alto do que o abaixamento da Cruz, porque lá se atinge verdadeiramente a altura do amor! [...] Porventura se conhece algo de mais forte que a força escondida na fragilidade do amor, do bem, da verdade, da beleza?*²⁰

O dossiê bíblico e o magistério reforçam a tese que a missão se realiza mais por atração do que por persuasão. Ainda em sua homilia, na Missa inaugural da Conferência de Aparecida, dia 13 de maio 2007, o papa Ratzinger certamente lembrou suas *Considerações*, de 1965, quando falou da *atração* da Igreja:

*A Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais por 'atração': como Cristo 'atrai todos a si' com a força do seu amor, que culminou no sacrifício da Cruz, assim a Igreja cumpre a sua missão na medida em que, associada a Cristo, cumpre a sua obra conformando-se em espírito e concretamente com a caridade do seu Senhor.*²¹

O *Documento de Aparecida* assumiu literalmente esse tópico da *atração* oriundo da força do amor.²² Em seu discurso e no contexto de Aparecida, o papa Francisco confirma o tópico da *atração* como uma atitude de encantamento missionário fundamental para toda a Igreja:

Uma Igreja que dá espaço ao mistério de Deus; uma Igreja que alberga de tal modo em si mesma esse mistério, que ele possa

*encantar as pessoas, atraí-las. Somente a beleza de Deus pode atrair. O caminho de Deus é o encanto que atrai. Deus faz-se levar para casa. Ele desperta no homem o desejo de guardá-lo em sua própria vida, na própria casa, em seu coração. Ele desperta em nós o desejo de chamar os vizinhos, para dar-lhes a conhecer a sua beleza. A missão nasce precisamente dessa fascinação divina, dessa maravilha do encontro. Falamos de missão, de Igreja missionária. Penso nos pescadores que chamam seus vizinhos para verem o mistério da Virgem. Sem a simplicidade do seu comportamento, a nossa missão está fadada ao fracasso.*²³

Neste momento eclesial de migração de fiéis para outras denominações, de escândalos, de perda do sentido da relevância da missão, somos obrigados a admitir, que a ferida aberta da nossa Igreja, é a falta de atratividade ou, às vezes, substituída por uma atratividade alienada. Essa falsa atratividade está baseada em marketing, propaganda cara, eventos espetaculares ou atividades e obras que se silenciam sobre o escândalo da cruz.

Talvez seja exatamente essa falsa atratividade que funciona para muitos cristãos, que se sentem menos atraídos e mais traídos em seus ideais e profundamente feridos em seu orgulho de pertença à Igreja Católica, como um repelente. Mas talvez representa essa falta de atratividade também um *kairós* para a conversão de todos nós, para o reaparecimento da *atrativa oferta de vida mais digna, em Cristo*,²⁴ enfim, para que Deus seja louvado não pelas nossas obras, mas por causa de sua misericórdia, porque nos atrai, sempre apesar de...

Quero aprofundar a atração da missão e a atratividade da Igreja com uma metáfora. Os missionários e as missionárias não são caçadores de borboletas, mas zeladores das flores de um jardim que atrai as borboletas. Não salvam almas, mas vidas. A castanheira oferece suas castanhas no meio da selva amazônica, não no supermercado. Ela nos atrai.

Também o Bom Pastor e o Bom Samaritano não são caçadores de borboletas. Na atração existe uma reciprocidade unilateral como em toda relação nossa com Deus. A atração de Deus opera também na ovelha perdida e em todos aqueles que permitem que a sua fuga ou seu desvio sejam interrompidos. A atração de Deus age no *ir ao encontro* e no *deixar-se encontrar*, no samaritano e naquele que caiu na mão do ladrão. A atratividade de Deus se manifesta também em Deus abandonado por nós e em nós. Cada conversão é uma consequência desta atratividade de Deus.

Igualmente sentimos a atratividade de Deus no serviço, que prestamos ao outro. Em seu discurso final, na última sessão do Concílio (7.12.1965), o papa Paulo VI oferece uma chave de leitura teológico-pastoral de todo o Vaticano II: *A ideia de serviço ocupou o lugar central do Vaticano II. Desejamos antes notar que a religião do nosso Concílio foi, antes de mais nada, a caridade.*

Os mártires da América Latina não eram caçadores de almas, mas defensores da vida. O conceito de *pastoral integral*, que os norteou, opera pela resposta à atração de Deus pela dedicação e o serviço. A paciência de escutar e servir é mais importante do que a fala normativa, imperativa e impaciente daquele que quer que o outro assuma nossas convicções.

Em videomensagem aos seus patrícios, por ocasião da Festa de São Caetano, o papa Francisco questiona o discurso de convencimento com a finalidade proselitista e pergunta:

*Vais convencer o outro a tornar-se católico? Não, não, não! Vais encontrar-te com ele, é o teu irmão! E isto é o suficiente. E você vai ajudá-lo; o resto é feito por Jesus, o Espírito Santo faz. [...] E talvez Jesus te indique o caminho para te encontrares com quem tem maior necessidade. Quando te encontrares com quem tem maior carência, o teu coração começará a aumentar, a crescer, a dilatar-se! Pois o encontro multiplica a capacidade de amar.*²⁵

Francisco é avesso ao *assédio espiritual* e à redução da religião a prescrições e castigos pelo não cumprimento das *obrigações*.²⁶ Bem na linha da *Evangelii nuntiandi* (1975), de Paulo VI, o papa Francisco sabe que *o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas*.²⁷ E Bergoglio cita a expressão de Bento XVI, que ele qualifica de muito bonita: *A Igreja é uma proposta que chega por atração, não por proselitismo*.²⁸ Por isso, ele prefere o discurso de testemunhas convencidos e convincentes na certeza de que Jesus e o Espírito Santo fazem o resto. Nosso *ir ao encontro* é a atitude de deixar Deus, através de nós, *atrair* os fugitivos de sua bondade e verdade. No encontro, dia 29 de agosto, com jovens da diocese italiana de Piacenza-Bobbio, na Basílica de São Pedro, o papa Francisco deu também à verdade essa dimensão do encontro: *A gente não tem a verdade, não a carregamos conosco, mas a gente vai ao seu encontro. É o encontro com a verdade, que é Deus, mas precisamos procura-la*.²⁹

No horizonte da atração divina, a discussão sobre a evangelização explícita ou implícita como alternativa não faz sentido. Aparecida resume: *Iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja samaritana, recordando que a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã*.³⁰ E a *Evangelii nuntiandi* reforça a atração do serviço através do testemunho: *O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres*.³¹ A pastoral latino-americana gerou testemunhas qualificadas, mártires, confessores e profetas. A memória deles, que nos atrai, não é saudosismo.

4. PEREGRINAÇÃO

A natureza missionária não é algo estático, porque é um atributo da Igreja peregrina.³² A natureza missionária do povo de Deus é marcada pela itinerância histórica e, através da itinerância, por pobreza e verdade.³³ O teólogo Joseph Ratzinger apontou para este concatenamento entre pobreza e verdade citando Sócrates. Este se diz merecedor de credibilidade, porque defende um Deus que não lhe traz nenhuma recompensa social ou material: *Eu disponho de uma testemunha qualificada a respeito da verdade de meu discurso que é minha pobreza.*³⁴ No cristianismo, essa testemunha é a pobreza do próprio Deus, que aponta ao presépio da encarnação, ao lenho da cruz e ao pão da eucaristia. Deus que se fez caminho e verdade, que se fez historicamente palpável permanecendo mistério, não pode ser testemunhado na persuasão nem na luxúria, mas pode ser testemunhado na pobreza e no despojamento. E Ratzinger resume: *A pobreza é a verdadeira aparição divina da verdade. Ela pode exigir obediência sem alienação.*³⁵

As missões trinitárias – a encarnação do Verbo e o derramamento do Espírito – passam por despojamento, gratuidade e doação. Elas caracterizam a essência ou natureza missionária da Igreja. Ao falar dessa natureza – *Ecclesia peregrinans natura sua missionaria est* – o Vaticano II não naturaliza a Missão.³⁶ Articula o estático da essência ou natureza missionária com o dinâmico da peregrinação do povo messiânico que passa, como o povo da Antiga Aliança, por deserto e cativeiro e aprende a apostar na dimensão escatológica da Terra Prometida, onde a atração de Deus volta a ser radiação. A posse da Terra Prometida, com muros de proteção e exércitos de defesa, é incombustível com a identidade desse povo peregrinante, cujo destino é estar no mundo sem ser do mundo. Os muros que Israel ergue sempre foram destruídos. O mesmo acontecerá com os muros da Igreja.

Nosso linguajar de tomar posse de uma paróquia ou diocese, de uma sede episcopal ou cadeira teológica indica sempre certa falta de missionariedade. *Sede, posse e cadeira* são indicadores de heranças imperiais que dispensam a peregrinação. Os súditos vão ao encontro do Imperador e não o Imperador ao encontro dos súditos. Jesus é caminho, os apóstolos são enviados que vão ao encontro do mundo. Missionários são peregrinos e não organizadores de eventos. Não lhes cabe marcar audiências ou recepções. Missionários e missionárias se deixam interromper pelo outro e pelo pobre porque sentem neles e em sua vulnerabilidade *o abaixamento da Cruz*, na qual *se atinge verdadeiramente a altura do amor* que nos atrai.

A atração de Deus não é a atração daquele que está sentado no trono e admite – em audiência pública – a humanidade que faz fila diante do seu trono. A atração de Deus acontece na cruz e no incógnito de sua presença no mundo que faz arder o coração dos discípulos.

A realização sacramental dessa presença atrativa comemoramos na Eucaristia, que é viático, provisão para o caminho, pão que sustenta a passagem do deserto para a Terra Prometida, da morte para a vida, alimento pascal.³⁷ A Eucaristia participa do incógnito da presença atrativa de Deus. Não existe algo mais material que o pão, produto do

trabalho humano, e mais, materialmente, insignificante que a hóstia sagrada. Contudo, o *isto é o meu corpo* da Missa atualiza o Corpo de Cristo prostrado nas ruas das nossas cidades. A Eucaristia – *mistério da fé* - é sempre uma nova iniciação à presença de Deus no mundo em Jesus Ressuscitado. Os fieis vivem sua fé *na centralidade do Mistério Pascal de Cristo através da Eucaristia* [...], *fonte inextinguível do impulso missionário*.³⁸ Em Jesus Cristo, este Deus se revelou como Caminho e peregrino *ad pauperes e ad gentes*.³⁹ Pela Eucaristia *Jesus nos atrai para si e nos faz entrar em seu dinamismo em relação a Deus e ao próximo*.⁴⁰ Para louvar a este Deus, *para reconhecê-lo e servi-lo nos mais pobres, Aparecida* lembra, com as palavras de São João Crisóstomo, essa aliança entre o Pai e os irmãos: *Querem em verdade honrar o corpo de Cristo? Não consentam que esteja nu. Não o honrem no templo com mantos de seda enquanto fora o deixam passar frio e nudez*.⁴¹

5. METÁFORA

Vários caminhos permitem destrinchar o significado da *natureza missionária*. Primeiramente, ela parece apontar para algo dado pela natureza, algo que está no sangue ou no DNA. A Igreja reivindica para si a missionariedade como algo embutido desde seu nascimento, ou melhor, desde sua fundação. As origens de um fenômeno apontam sempre para sua essência, sua natureza, sua finalidade e identidade. Ela tem membros que fizeram parte desta fundação histórica e seguidores que procuram levar essa fundação adiante no espírito de suas origens. Mas a Igreja não é um organismo natural que faz parte da evolução das espécies. Por conseguinte, a sua *natureza missionária* não se explica social ou historicamente. Sua origem está na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai, que é Princípio sem Princípio.⁴² Indo por este caminho, a missionariedade da Igreja teria duas origens: uma origem sem origem em Deus, na Santíssima Trindade, e uma origem historicamente situada pelo Ressuscitado e pelo Espírito Santo.

Outro esclarecimento poder-se-ia obter pela filosofia da natureza porque é a compreensão dessa natureza que vai delinear a abrangência semântica do conceito da *natureza missionária*. Se invocarmos Aristóteles para explicar o conceito *natureza* então ter-se-ia, para o efeito de metáfora, levar dois termos de comparação em conta: a teleologia (*entelechia aristotélica*, finalidade) da natureza e o ser humano como ser político. A pessoa humana realiza, segundo Aristóteles, a sua natureza na *Polis* e a natureza tem uma finalidade. Acima de interesses particulares de uma *natureza selvagem* estaria a vontade de se realizar socialmente no diálogo e na convivência com outros. A cultura e suas leis éticas regulamentam essa convivência pública inscrita à natureza.

O outro exemplo seria do nascimento da modernidade (Francis Bacon) na qual a natureza perdeu a sua *finalidade*. No Século XVI se abandonou definitivamente a teleologia da natureza. Ela não tem nenhuma finalidade. Ela é *coisa* (res!) arbitrária. Se a natureza é meramente instrumental e funcional, sem finalidade (*entelechia*), então

ela está ao livre dispor da experiência, da dominação e do lucro. Ela não pode ser ofendida pelo não atendimento de sua finalidade. Uma natureza, que emancipou finalidade, espírito e graça, não pode ser violentada. Pelos dois exemplos e a mudança dos referenciais da *natureza* pode-se ver parte da complexidade do conceito *natureza missionária*.

Voltamos sobre o específico de pronunciamentos da fé. Estes se aproximam da realidade por meio de analogias históricas, culturalmente construídas. As representações de Deus e as fórmulas da fé são indicadores da verdade que não devem ser confundidos com a própria verdade. Nas múltiplas menções da *natureza missionária* trata-se de uma metáfora.⁴³ Na metáfora, os termos são utilizados numa relação de analogia. Os dois termos utilizados *natureza* e *missão ou missionariedade* deveriam estar em relação analógica com um terceiro termo (*tertium comparationis*). No caso da *natureza missionária* várias analogias são possíveis e por causa disso existem várias práticas, às vezes até opostas, das atividades missionárias.

Voltando para a metáfora dos missionários *caçadores* de borboletas e jardineiros de um belo *jardim*, cujas flores atraem as borboletas, podemos estabelecer um terceiro termo para a *natureza missionária*, que seria a *atração*. Natureza e missão são atraentes. Pelo fato de a natureza fornecer o alimento para todas as criaturas, ela atrai os seres vivos, que se alimentam dela. A natureza não corre atrás (caçadores de borboletas!). Ela nos aguarda e serve. Como já vimos, a *atração* de Deus como coração da missão é igualmente significativa. O termo de comparação, o *tertium comparationis*, da *natureza missionária* é a *atração*. A atratividade é a marca registrada do nosso Deus. Portanto, o essencial da *natureza missionária* é sua atratividade: atrai como a natureza e atrai como Deus. Não podemos carregar a metáfora da *natureza missionária* muito além da *atração* divina e da *prodigalidade* natural. Ela é uma afirmação da nossa fé, vivida na Igreja povo de Deus, e sonhada em horizontes além dela: numa história na qual Ressurreição e Reino têm a dimensão escatológica e universal de onde nos atrai um Deus, definitivamente, justo e misericordioso para com todos.

*Professor de missionologia no ITESP.

¹ Palestra proferida no dia 27 de fevereiro de 2013 durante o 2º *Simpósio de Missiologia no Brasil: Teologia para uma missão a partir da América Latina* (25.2. a 1.3.2013, Brasília, CCM) e posteriormente revista e ampliada.

² Cf. Y. CONGAR, *Mon Journal du Concile*. Paris: Cerf, 2002, vol. 2, p. 355.

³ O texto já tinha passada por uma longa história. Uma Comissão de Trabalho começou em 1959 fazer primeiras reflexões. Em outubro 1960, a Comissão Preparatória, sob a direção do Prefeito da Propaganda Fide, cardeal Agagianian, continuou esses trabalhos.

⁴ Cf. P. SUESS, O caminho tortuoso do Decreto *Ad Gentes* até sua promulgação, no dia 7 de dezembro 1965. In: SUESS, P. (Ed.), *Introdução à Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 122-131.

⁵ Cf. J. RATZINGER, *Considerationes quoad fundamentum theologicum missionis ecclesiae*, in: VORDERHOLZER, R. - CH. SCHALLER; F.-X. HEIBL (Eds.), *Mitteilungen Institut Papst Benedikt XVI*. Regensburg 2011, Vol., 4, p. 15-22.

- ⁶ Cf. Y. CONGAR, *Theologische Grundlegung* (Nr. 2-9). In: SCHÜTTE, J. (Ed.), *Mission nach dem Konzil*. Mainz: Grünewald, 1967, p. 134-172.
- ⁷ Cf. *Documento de Aparecida*, n. 366.
- ⁸ Idem, n. 353
- ⁹ Cf. *Ad Gentes*, 1,1s
- ¹⁰ Entre criador e criatura, afirma o IV Concílio do Latrão (1215), a dessemelhança é sempre maior do que a semelhança. Cf. DENZINGER-SCHÖNMETZER, n. 806.
- ¹¹ Essa relação foi originalmente elaborado pelos Capadócijs: Gregório de Nissa, Basílio Magno, Gregório Nazianzeno.
- ¹² Cf. *Ad Gentes*, 1,1s.
- ¹³ Cf. Y. CONGAR, *Mon Journal*, op. cit., p. 298. Veja-se também o Dossiê mencionado por Congar e elaborado em J. RATZINGER, *Considerationes*, op. cit.
- ¹⁴ Cf. *Ad Gentes*, n. 6.6.
- ¹⁵ Ibidem.
- ¹⁶ CIC/1917, can. 1350/§2.
- ¹⁷ Cf. *Lumen Gentium*, cap. II.
- ¹⁸ Cf. *Ad Gentes*, n. 6.6, anotação 37.
- ¹⁹ Cf. *Spe salvi*, n. 43.
- ²⁰ Cf. CNBB, *Papa Francisco: Mensagens e homilias*: JMJ Rio 2013. Brasília: CNBB, 2013, p. 66.
- ²¹ Santa Missa de inauguração da 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, na praça em frente ao santuário de Aparecida (13 de maio 2007).
- ²² Cf. *Documento de Aparecida*, n. 159; cf. 268, 361s.
- ²³ Cf. CNBB, *Papa Francisco*, op. cit., p. 61.
- ²⁴ Cf. *Documento de Aparecida*, n. 361.
- ²⁵ Videomensagem em: Boletim da Sala de Imprensa da Santa Sé, 07/08/13.
- ²⁶ Cf. J. BERGOGLIO – A. SKORKA, *Sobre o céu e a terra*. São Paulo: Paralela, 2013, p. 182.
- ²⁷ Cf. *Evangelii Nuntiandi*, n. 41.
- ²⁸ Cf. J. BERGOGLIO – A. SKORKA, *Sobre o céu e a terra*, op. cit., p. 183.
- ²⁹ Cf. http://de.radiovaticana.va/news/2013/08/29/franziskus_trifft_jugendliche:_%E2%80%99Edie_wahrheit_hat_man_nicht,_man/ted-723695
- ³⁰ Cf. *Documento de Aparecida*, n. 26.
- ³¹ Cf. *Evangelii Nuntiandi*, n. 41.
- ³² Cf. *Ad Gentes*, n. 2,1.
- ³³ Cf. *Lumen Gentium*, n. 9.
- ³⁴ Cf. PLATÃO, *Apologia*, 31c.
- ³⁵ Cf. J. RATZINGER, *Der Dialog der Religionen und das jüdisch-christliche Verhältnis*. In: RATZINGER, J. (Ed.), *Die Vielfalt der Religionen und der Eine Bund*. Bad Tölz: Urfeld, 2003, 93-121, aqui 116.
- ³⁶ Cf. *Ad Gentes*, n. 2,1.
- ³⁷ Cf. *CIC*, n. 1524.
- ³⁸ Cf. *Documento de Aparecida*, 251; também 99b.
- ³⁹ Cf. P. SUESS, *Dicionário de Aparecida: 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, verbete: Eucaristia.
- ⁴⁰ Cf. *Documento de Aparecida*, n. 251.
- ⁴¹ Cf. João CRISÓSTOMO, *Homilias sobre São Mateus*, L, 3-4. PG, 58, 508s.
- ⁴² Cf. *Ad Gentes*, n. 2, 1.2.
- ⁴³ Cf. *Lumen Gentium*, n. 1,1; *Ad Gentes*, 2,1; 6,6.